



**A SOCIEDADE PATRIARCAL E A OPRESSÃO DA MULHER: UMA MIRADA  
SOBRE AS PERSONAGENS FEMININAS EM *O PRIMO BASÍLIO***

**THE PATRIARCHAL SOCIETY AND THE OPPRESSION OF WOMEN: A VIEW  
ON THE FEMALE CHARACTERS IN *O PRIMO BASÍLIO***

Ana Caroline da Silva Junior<sup>1</sup>

Carolle Romana Almeida de Melo<sup>2</sup>

Viviana dos Anjos Portela Diane<sup>3</sup>

Recebido em: 04 out. 2021

Aceito em: 14 dez. 2021

DOI: 10.26512/aguaviva.v6i3.41796

**RESUMO:** O presente trabalho teve como objetivo analisar de que forma a sociedade patriarcal condicionou a mulher do século XIX a uma posição de subalternidade. O objeto de estudo foi a obra *O Primo Basílio* de Eça de Queirós, publicada em 1878, com recorte de análise direcionado para as personagens Luísa, Leopoldina e Juliana. Utilizou-se como modelo de análise a Crítica Feminista, sendo que o aporte teórico se baseou em textos de Heloisa Buarque de Hollanda (2018) e Raisa Ribeiro (2021). Pretendeu-se analisar a sociedade oitocentista e como reverberou um discurso preconceituoso e opressor em relação à condição da mulher. Além disso, foram empregadas as análises do teórico Carlos Reis (1975; 2009 e 2018), especialista em estudos queirosianos e Francisco Dantas (1999). A perspectiva de interpretação e análise se respaldou em evidenciar como a sociedade em questão era conservadora e contraditória no que diz respeito à figura feminina, visto que, a mulher sofria apagamento e era silenciada pelos preceitos do patriarcado.

**Palavras-chave:** Sociedade Patriarcal. Opressão Feminina. Moralidade.

**ABSTRACT:** This study aimed to analyze how the patriarchal society conditioned the nineteenth century woman to a subordinate position. The object of study was the work *O Primo Basílio* by Eça de Queirós, published in 1878, with an analysis focused on the characters Luísa, Leopoldina and Juliana. The Feminist Critique was used as an analysis model, and the theoretical contribution was based on texts by Heloisa Buarque de Hollanda (2018) and Raisa Ribeiro (2021). It was intended to analyze nineteenth-century society and how it reverberated a prejudiced and oppressive discourse in relation to the condition of

---

<sup>1</sup> Graduação em Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas, pelo Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNIPLAN). E-mail: carolsjr44@gmail.com

<sup>2</sup> Graduação em Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas, pelo Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNIPLAN). E-mail: carolleromana@gmail.com

<sup>3</sup> em Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas, pelo Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNIPLAN). E-mail: portela87diane25@gmail.com



women. In addition, the analyzes of the theorist Carlos Reis (1975; 2009 and 2018), specialist in Queiroz studies, and Francisco Dantas (1999) were used. The perspective of interpretation and analysis was supported by showing how the society in question was conservative and contradictory with regard to the female figure, since the woman suffered from deletion and was silenced by the precepts of patriarchy.

**Keywords:** Patriarchal Society. Female Oppression. Morality.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo teve como objetivo analisar a obra *O primo Basílio*, de Eça de Queirós, publicada em 1878, evidenciando a condição da mulher no século XIX. Para isso, foi realizada uma análise da sociedade da época, além da opressão da mulher. O recorte escolhido se apresentou a partir das representações de três personagens do romance: Luísa, Leopoldina e Juliana.

O movimento realista teve o intuito de evidenciar as questões políticas, sociais e culturais que permeavam a sociedade burguesa do período. Uma estrutura social predominantemente machista, opressora e contraditória, que regulava as relações sociais por meio dos bons costumes e dos valores tradicionais da família. Além disso, desde a infância, a criação da mulher era voltada para as obrigações domésticas e a submissão ao homem.

Dessa forma, interpretando Queirós em *O primo Basílio* por meio das figuras femininas, observou-se uma crítica substancial à contradição e hipocrisia da burguesia em questão. Segundo o referido autor, o romantismo seria um dos males desta sociedade doente que agia de forma perturbadora nas questões culturais e morais, e particularmente, quando se referia às mulheres, perpetuando assim, ideais e atitudes morais que se relacionavam exclusivamente com a manutenção das aparências.

Nesse sentido, não havia igualdade entre homens e mulheres, além de a figura feminina ser estereotipada como inferior, consoante Dantas (1999):

A mulher portuguesa da segunda metade do século XIX - justamente aquela que se movimentava nos romances de Eça - permaneceu privada da igualdade civil e jurídica, da participação política e social, e do acesso ao sistema de produção. E para melhor compreensão desse contingente humano assujeitado, resta reavaliarmos a ideologia educativa que tanto concorreu para o estabelecimento e a manutenção do espaço a que ficou relegada a mulher. (DANTAS, 1999, p. 31-32)



Nessa perspectiva, a educação destinada às mulheres, naquele período, não propiciava um pensamento crítico acerca de sua condição, assim, a elas cabia uma posição de inferioridade. Portanto, a figura feminina não possuía direitos legais e sequer representatividade, limitando à mulher somente o espaço doméstico e familiar, em contrapartida, o espaço público era predominantemente dominado pelo homem.

Em vista disso, o argumento que se utilizou na presente pesquisa é de que há uma representação da mulher sendo invisibilizada, além de marginalizada nessa sociedade oitocentista predominantemente sexista. Ao escolher essa obra, empregou-se como principal indicador a maneira como ela pode ser interpretada à guisa de reflexões acerca das questões de gênero representadas pelas personagens escolhidas para análise, pois empreendia críticas à burguesia que se baseava em princípios e regulações morais.

Sendo assim, buscou-se evidenciar de que forma a mulher foi oprimida nessa época, bem como revelar as hipocrisias e as contradições da sociedade patriarcal, que ao mesmo tempo que estimulava as transgressões femininas, realizava duras críticas a essas condutas consideradas inapropriadas. Assim, era idealizado um padrão específico de dominação da mulher, que, atualmente, ainda perdura em algumas sociedades.

### **O Narrador em Eça de Queirós**

Eça de Queirós foi um dos precursores do Realismo português, movimento literário que teve o intuito de romper com os valores do Romantismo, conforme Moisés (2013):

Cabe a Eça de Queiroz proferir, a 6 de junho, a quarta conferência, sob o título de A Literatura Nova (O Realismo como Nova Expressão da Arte). Apoiando-se nas ideias de Proudhon, prega a revolução que se vinha operando na política, na ciência e na vida social. Para tanto, havia que considerar a Literatura um produto social, condicionado a determinismos rígidos. A fim de ilustrar suas observações, Eça critica acerbamente o Romantismo por fugir ao novo conceito de Arte, ao mesmo tempo que defende o Realismo, como a corrente estética que realiza o consórcio entre a obra de arte e o meio social. (MOISÉS, 2013, p. 224)

Nesse contexto, Moisés (2013) explica que no movimento realista há de se considerar questões políticas, sociais e culturais que permeavam a sociedade burguesa do período. O romance *O primo Basílio* faz parte dessa fase Realista, também chamada de Segunda Fase e apresenta críticas à decadência dos valores morais da família, ao casamento e ao clero.

O narrador presente na obra, conforme Carlos Reis (1975), é heterodiegético, ou seja, uma instância narrativa que não faz parte da história, narra os fatos a partir de seu exterior, o



que implica em uma exposição em terceira pessoa, além da descrição objetiva dos fatos e ações. Em *O primo Basílio*, a diegese<sup>2</sup> apresenta detidamente as personagens cujos comportamentos são fúteis e mesquinhos, que refletem uma burguesia que prezava pelas aparências, de acordo com Reis (2009):

N’*O Primo Basílio* manifesta-se de forma dominante um narrador onisciente que controla os acontecimentos, fundamentando, explicando e ajuizando os comportamentos das personagens, figuras sujeitas a caracterização minuciosa e orientada para aspectos (hábitos educativos, hereditariedade, meio) que determinam as suas ações; do mesmo modo, os espaços (físicos, mas também sociais e os culturais) são descritos a partir do critério de rigor que a poética do Realismo e Naturalismo requeria [...]. (REIS, 2009, p. 40)

Reis (2009) afirma que o narrador age conforme os critérios da poética do Realismo e do Naturalismo, isto é, o narrador evidencia personagens representativas da burguesia oitocentista, conhece o íntimo de cada personagem e traça as suas características, as quais eram condicionadas pelo período, pelo meio e pela hereditariedade.

Outro alvo de crítica em destaque neste romance era o adultério, apontado como um mecanismo de fuga e apoio para que fosse assegurado uma espécie de permanência, comodidade e estabilidade ao matrimônio. Dantas (1999) explica, no trecho a seguir, as relações interpessoais dentro do casamento e do adultério.

Tanto no casamento, quanto no adultério, as relações interpessoais estão atravessadas por valores que alienam a mulher naquilo que ela possui de mais elementar: o seu caráter de ser humano. Pois em qualquer das duas situações a mulher se reifica, na medida em que, nela mesma, a mercadoria se dilata e se espiritualiza: enquanto é objeto de responsabilidade do marido - ela custa; ao mesmo tempo em que é objeto de prazer do amante - ela é gratuita. (DANTAS, 1999, p. 57)

Ademais, nessa época, o papel da mulher se resumia aos afazeres domésticos, assim, havia espaço para a ociosidade, momento em que o adultério se tornava uma opção para fuga daquele ambiente onde só havia deveres. Assim, a relação extraconjugal tinha o propósito de trazer, tanto à mulher quanto ao homem, um prazer que não havia no casamento.

Embora a infidelidade seja algo habitual nessa sociedade, apenas o adultério feminino tinha um desfecho trágico, pois, assim, a mulher feria a concepção de virtuosidade e castidade de esposa e mãe, desonrava a masculinidade e afrontava os bons costumes burgueses que a sociedade patriarcal tanto prezava.

---

<sup>2</sup> Segundo Reis: “A diegese é a ação, isto é, o desenrolar da história revelando o tempo e o espaço da narrativa.” REIS, Carlos. **Dicionário de estudos narrativos**. Coimbra: Livraria Almedina, 2018. p. 87.



## O patriarcalismo

O patriarcalismo, baseado no patriarcado, é uma espécie de dominação ou influência do homem sobre a mulher, que limita o trânsito da figura feminina na sociedade por meio de instituições sociais, conforme pode ser observado no trecho assim descrito:

O **patriarcado** consiste em “uma forma de relacionamento, de comunicação entre os gêneros, caracterizada pela dominação do gênero feminino pelo masculino”, com predomínio dos valores masculinos, fundamentados em relações de poder. Nas relações sociais, entre homens e mulheres, “o poder se exerce por meio de complexos mecanismos de controle social que oprimem e marginalizam as mulheres.” (SABADELL, 2017, p. 231 *apud* RIBEIRO, 2021, p. 14)

Na esfera da Terceira Onda feminista, o termo “patriarcado” é geralmente usado para indicar o *status* subalterno imposto à mulher e a dominação exercida pela figura masculina, buscando engendrar reflexões acerca do comportamento humano da época, que ainda opera nas sociedades atuais. Essa dominação pode ser realizada também por meio de algumas instituições como a família, a religião, as escolas e as leis que impõem uma concepção de que a mulher é naturalmente inferior.

Em *O primo Basílio*, Eça de Queirós retratou o modo que o patriarcado influenciava as relações de poder da figura masculina em relação à mulher, consoante fragmento a seguir apresentado:

O patriarcado se pauta em uma estrutura de **dominação masculina** e de **submissão feminina**, que é socialmente construída, reproduzida e naturalizada. Toda relação de dominação opera em um contexto de desigualdade entre os opressores e os oprimidos, onde aquele que detém o poder impõe limites, sujeição e servidão àquele que se submete. Nesse sentido, em uma ordem onde opera a dominação masculina, existe uma diferença estrutural, na qual os homens possuem o poder e as mulheres encontram-se em situação de desvantagem. (APFELBAUM, *et al*, 2009, p. 76-80 *apud* RIBEIRO, 2021, p. 14-15)

Naquele período, a distinção entre os gêneros reproduzida pela sociedade patriarcal era concebida como algo natural, em que o homem exercia seu poder de dominação, principalmente, no ambiente familiar, impondo limites e sujeições à figura feminina, gerando uma relação de dependência e submissão. Segundo Queirós (2015):



— O casamento é uma fórmula administrativa, que há de um dia acabar... — De resto [...] a fêmea era um ente subalterno; o homem deveria aproximar-se dela em certas épocas do ano (como fazem os animais, que compreendem estas coisas melhor que nós), fecundá-la, e afastar-se com tédio. Aquela opinião escandalizou a todos, sobretudo o conselheiro, que a achou “de um materialismo repugnante”. — Essas fêmeas para quem é tão severo, sr. Zuzarte, — exclamava ele — essas fêmeas são nossas mães, nossas carinhosas irmãs, a esposa do chefe do Estado, as damas ilustres da nobreza... — São o melhor bocadinho deste vale de lágrimas — (QUEIRÓS, 2015, p. 349)

Desse modo, Eça expõe discursos carregados de hipocrisia e perversão que prevaleciam na sociedade oitocentista por parte do sexo masculino. Assim, pela ótica do patriarcalismo, a mulher era vista, exclusivamente, como um produto de objetificação do homem, sendo usada somente para procriar, e tal atitude era considerada algo natural que essa sociedade tentava impor à figura feminina.

### **A sociedade patriarcal oitocentista**

Para abordar aspectos da sociedade patriarcal oitocentista, buscou-se uma análise dessa obra, que revelou por meio da família lisboeta uma cultura patriarcal e matrimonial enraizada nessa sociedade, que era influenciada pela forte presença da religião e das leis vigentes à época que desfavoreciam as mulheres, evidenciando, assim, a nítida distinção social entre os gêneros.

A sociedade patriarcal impunha ao homem o papel de provedor e administrador das finanças do lar; por outro lado, os arranjos domésticos, naturalmente, eram função exclusiva da esposa. Nessa perspectiva, por meio da obra em questão, o autor revelou o ideal de mulher aceitável para a época, que deveria ser criada a partir de uma educação considerada superficial, voltada ao matrimônio e à domesticidade, seguindo os modelos sociais rígidos impostos pela sociedade, que pode ser verificado, de acordo com Ribeiro (2021):

A **feminilidade**, de outro lado, designa uma forma de submissão feminina romantizada, que assinala a interiorização dos códigos estéticos masculinos. Assim, as mulheres devem adotar uma atitude submissa e não concorrencial quanto ao poder, sendo a fragilidade, a doçura, a resignação encarada como características femininas. A mulher deve ser sorridente, simpática, atenciosa, submissa, discreta, contida e, até mesmo, apagada, invisível. (RIBEIRO, 2021, p. 17)

Sendo então a figura que não devia questionar o homem, a mulher ideal era vista como esposa recatada, tendo a vida relegada somente ao lar. Portanto, a questão da submissão é um



fator de dominação da figura do patriarca sobre o sexo oposto, impondo condutas e normas para que não houvesse por parte da figura feminina desvios e transgressões, sendo o homem amplamente apoiado pelo catolicismo e por parte da sociedade.

### **A condição social da mulher no século XIX**

Na sociedade lisboeta do século XIX, período em que a obra estava inserida, as mulheres tinham suas aspirações totalmente oprimidas devido à condição social que lhes eram impostas, pois, eram seres dependentes da figura masculina. A obra *Explosão Feminista* ressalta a condição de submissão da mulher, conforme trecho a seguir:

Como se fosse um direito natural, o poder é reservado aos homens em todos os níveis enquanto as mulheres sofrem sob estereótipos e idealizações também naturalizadas. [...] O ato de naturalizar corresponde a um procedimento moral e cognitivo que se torna hábito. Por meio dele, passamos a acreditar que as coisas são como são e não poderiam ser de outro modo. Nem poderiam ser questionadas. (HOLLANDA *et al.*, 2018, p. 63)

A questão da naturalização provém da sociedade oitocentista que se baseava em princípios biológicos e religiosos para justificar a dominação e a opressão que o homem exercia sobre as mulheres. Tal opressão sofrida por elas derivava do patriarcado que demonstrava que a figura feminina teria de aceitar o lugar imposto sem questionar, operando uma condição de invalidação do ser feminino em detrimento do masculino.

Percebe-se essa opressão quando Jorge, em alguns momentos, questiona a capacidade intelectual da esposa em discernir o que é certo ou errado, como, por exemplo, quando a esposa recebe a melhor amiga de infância na ausência dele. Consoante Queirós (2015):

- A Luísa é um anjo, coitada - dizia Jorge, passeando pela saleta - mas tem coisas em que é criança! Não vê o mal. É muito boa, deixa-se ir. [...] - Por isso, Sebastião, enquanto eu estiver fora, se te constar que a Leopoldina vempor cá, avisa a Luísa! Porque ela é assim: esquece-se, não reflexiona. É necessário alguém que a advirta, que lhe diga: - Alto lá, isso não pode ser! Que então cai logo em si, e é a primeira!... Vens por aí, fazes-lhe companhia, fazes-lhe música, e se vires que a Leopoldina aparece ao largo, tu logo: - Minha rica senhora, cuidado, olhe que isso não! Que ela, sentindo-se apoiada, tem decisão. Senão, acanha-se, deixa-a vir. Sofre com isso, mas não tem coragem de lhe dizer: Não te quero ver, vai-te! Não tem coragem para nada: começam as mãos a tremer-lhe, a secar-lhe a boca [...]. É mulher, é muito mulher! [...]. Não te esqueças, hein, Sebastião? (QUEIRÓS, 2015, p. 62)



Nessa época, a figura feminina deveria ser instruída pelo sexo masculino, pois era considerada incapaz de concatenar acerca da realidade à sua volta. Em contrapartida, Leopoldina era vista como uma mulher à frente da sociedade lisboeta daquele período, já que tinha consciência que a figura feminina era silenciada e possuía um direito social limitado. A personagem revelou o desejo de ter os mesmos direitos masculinos: "Um homem pode fazer tudo! Nada lhe fica mal! Pode viajar, correr aventuras". (QUEIRÓS, 2015, p. 179)

Percebe-se no trecho supracitado que, na verdade, Leopoldina queria ter a mesma liberdade e flexibilidade que era ofertada ao sexo oposto sem sofrer punições por violar às normas que lhe eram impostas. Juliana é outra personagem que também é vítima de opressão, devido à classe social que pertencia, pois vivia em condições ultrajantes nas casas onde já havia servido como criada, conforme Queirós (2015):

Servia, havia vinte anos. Como ela dizia, mudava de amos, mas não mudava de sorte. Vinte anos a dormir em cacifos, a levantar-se de madrugada, a comer os restos, a vestir trapos velhos, a sofrer os repêlões das crianças e as más palavras das senhoras, a fazer despejos, a ir para o hospital quando vinha a doença, a esfalfar-se quando voltava a saúde!... Era demais! Tinha agora dias em que só de ver o balde das águas sujas e o ferro de engomar se lhe embrulhava o estômago. Nunca se acostumara a servir. (QUEIRÓS, 2015, p. 87)

Desse modo, é importante frisar que Juliana tinha consciência de sua condição de criada e subalterna, entretanto, não se conformava com sua posição social, visto que seus direitos de classe eram recusados. Assim, a criada reflete a hipocrisia da sociedade lisboeta que prezava pelas classes burguesas em detrimento das menos favorecidas, ressaltando as injustiças e crueldades entre as categorias.

Portanto, observa-se que na obra queirosiana a opressão ocorria de diferentes modos, seja na dominação de um gênero sobre o outro como era o caso de Leopoldina e Luísa, seja na sujeição das classes sociais inferiores como foi evidenciado na condição de subalternidade de Juliana. Sendo assim, tais opressões marcaram com profundidade a sociedade oitocentista, reverberando um discurso de dominação e poder.

### **As representações femininas em *O Primo Basílio***

As personagens que serão retratadas enquanto representantes da mulher burguesa, evidenciam as notáveis limitações a que eram submetidas no período oitocentista e a forma



que os processos sociais influenciados pelo patriarcado contribuem para a perpetuação das desigualdades de gênero, e sobretudo para a marginalização da figura feminina.

A partir das personagens Luísa, Leopoldina e Juliana, procurou-se empreender uma análise atentando-se para a maneira como são retratadas na diegese, o tipo de opressão sofrida e de que forma transitavam nos espaços sociais que a sociedade patriarcal destinava a elas. Luísa é a personagem central do romance, que foi educada dentro daquele modelo patriarcal, ou seja, recebeu ensinamentos voltados, apenas, para a submissão dentro do matrimônio.

Eça a construiu como uma cópia do ideal de mulher do século XIX, considerada boa dona de casa, bem-casada com Jorge, asseada e comprometida com os deveres do seu lar, como é mostrado logo no início da obra, assim descrito:

Mas a Luísa, a Luisinha, saiu muito boa dona de casa: tinha cuidados muito simpáticos nos seus arranjos; era asseada, alegre como um passarinho, como um passarinho amiga do ninho e das carícias do macho: e aquele serzinho louro e meigo veio dar à sua casa um encanto sério. (QUEIRÓS, 2015, p. 26)

Observa-se que a personagem principal exerce um papel que era reservado às mulheres, o de esposa e dona do lar ocupando uma posição de subserviência imposta por essa sociedade. A personagem não se ocupava de afazeres domésticos, pois, ao contrário de outras mulheres da sociedade, tinha criadas. Em vista disso, ela se ocupava com a própria vaidade e os romances românticos, e, assim, a ociosidade e o marasmo tomavam conta de sua rotina, consoante Reis (1975):

Influência idêntica pode ser atribuída à atmosfera de tédio que se gera a partir da ociosidade em que quase constantemente vive Luiza, que apenas encontra num certo tipo de literatura (a mais própria afinal para apressar irremediavelmente a deliquescência moral da sua pessoa) o ópio que a liberta da sensação de inutilidade que caracteriza a sua existência de burguesinha instalada. (REIS, 1975, p. 85)

Percebe-se que tais leituras românticas eram uma espécie de fuga da realidade, no entanto, intensificavam a inferioridade social bem como um atraso intelectual feminino, já que não oportunizavam às mulheres desenvolverem qualquer embasamento crítico do que liam e sobretudo, da condição em que elas estavam sujeitas. Luísa era altamente influenciada pelos romances a ponto de agir de acordo com o que lia, sem manifestar sequer um embasamento crítico.



Dessa forma, ela era sempre guiada por uma figura masculina que restringia suas vontades e condutas, além de apontar o que deveria ou não fazer. Em caso de ausência do esposo, podia-se delegar essa responsabilidade para o homem mais íntimo da família que seria Sebastião, amigo de infância de Jorge. Sebastião demonstrava preocupação com a reputação de Luísa e Jorge, devido às corriqueiras visitas do primo Basílio à residência do casal, conforme Queirós (2015):

- Que desaforo! - exclamou Luísa. - Isto só a mim! Porque a intervenção de Sebastião, no fundo, irritava-a mais que os mexericos da vizinhança! A sua vida, as suas visitas, o interior da sua casa eram discutidos, resolvido por Sebastião, por Julião, por *tutti quanti*! Aos vinte e cinco anos tinha mentores! Não estava má! E por que, santo Deus? Porque seu primo, seu único parente, vinha vê-la! (QUEIRÓS, 2015, p. 171)

Depreende-se que Luísa não tinha liberdade, nem autorização para receber visitas que não fossem do convívio do casal. Dessa forma, Jorge incumbiu seu amigo para que vigiasse sua esposa em sua ausência. Mesmo com toda essa restrição e fugindo ao ideal de conduta esperado para a mulher, a protagonista, se rendeu ao *donjuanismo* de seu primo Basílio e, por consequência, acabou cometendo adultério.

Sendo assim, na tentativa de recuperar a integridade feminina, de acordo com Dantas (1999) só havia dois caminhos, o primeiro: o convento como forma de restabelecer a honra, o corretivo ou a punição para o adultério feminino e o segundo, a morte, como forma de purificar o deslize. Assim, em nossa interpretação, percebe-se a contradição dessa sociedade, uma vez que, quando a mulher cometia traição era passível de humilhação, julgamento e punição, enquanto, para o homem era apenas sinônimo de virilidade, sem qualquer tipo de represália.

Seguindo a mesma linha interpretativa, foi analisada a personagem Leopoldina, amiga íntima de Luísa. O autor a descreve como uma mulher bonita, e atraente que despertava desejos nos homens, de acordo com Queirós (2015):

Leopoldina tinha então vinte e sete anos. Não era alta, mas passava por ser a mulher mais bem-feita de Lisboa. Usava sempre os vestidos muito colados, com uma justeza que acusava, modelava o corpo como uma pelica, sem largueza de roda, apanhados atrás. Dizia-se dela com os olhos em alvo: é uma estátua, é uma Vênus! Tinha ombros de modelo, duma redondeza descaída e cheia: sentia-se nos seus seios, mesmo através do corpete, o desenho rijo e harmonioso de duas belas metades de limão; a linha dos quadris rica e firme, certos quebrados vibrantes de cintura faziam voltar os olhares acesos dos homens. (QUEIRÓS, 2015, p. 36)



A imagem da personagem chamava a atenção tanto pela perfeição do corpo e pelas vestimentas, que não eram usadas pelas outras mulheres da sociedade oitocentista, quanto pelo comportamento que era considerado fora dos padrões da época. Era casada com um homem ríspido, entretanto tentava se desvencilhar cada vez mais das leis sociais que o sistema patriarcal lhe impunha. Desse modo, não escondia suas relações extraconjugais, Reis (2009) esclarece que Leopoldina buscava incessantemente a ligação amorosa que lhe permitia superar o trauma do casamento infeliz.

Em vista dessas práticas que destoavam das concepções morais da burguesia lisboeta, de acordo com Dantas (1999, p. 54), a personagem em questão “veio a perder tudo o que possuía, inclusive as relações de amizade”. Nesse sentido, Leopoldina só se encontrava com Luísa na ausência de Jorge, pois ele a deplorava e conseqüentemente, não aprovava a amizade delas, conforme Queirós (2015, p. 46) “- Minha querida filha, esta nossa casinha é tão honesta que é uma dor de alma ver entrar essa mulher aqui, com o cheiro do *feno*, do cigarro e do resto! [...]”.

Depreende-se que para preservar a imagem de Luísa e as aparências de seu lar, Jorge censurava as visitas de Leopoldina a sua casa, visto que, devido à sua indiscrição, a sociedade a apontava como uma mulher transgressora. Segundo Queirós (2015):

Era muito indiscreta, falava muito de si, das suas sensações, da sua alcova, das suas contas. Nunca tivera segredos para Luísa; e na sua necessidade de fazer confidências, de gozar a admiração dela, descrevia-lhe os seus amantes, as opiniões deles, as maneiras de amar, os tics, a roupa, com grandes exagerações! Aquilo era sempre muito picante, cochichado ao canto dum sofá entre risinhos: Luísa costumava escutar, toda interessada, as maçãs do rosto um pouco envergonhadas, pasmada, saboreando, com um arzinho beato. Achava tão curioso! (QUEIRÓS, 2015, p. 37-38)

Essa personagem era sincera, indiscreta e não escondia suas aventuras amorosas, despertando em Luísa conflitos morais. Dessa forma, pode-se interpretar que a protagonista idealizava Leopoldina semelhante a, conforme Queirós (2015, p. 38), “uma heroína” dos romances que lia, pois, a vida da amiga era mais agitada e excitante.

Leopoldina se mostra uma personagem insatisfeita com a posição de subalternidade que lhe foi imposta, invejando o homem. Consoante Queirós (2015, p. 179) “Os homens são bem mais felizes que nós! Eu nasci para homem! O que eu faria!”. Assim, mesmo com apontamentos e julgamentos, ela prezava pela liberdade, autonomia e insubmissão, sem se importar com comentários alheios.



Em uma terceira análise destacou-se a personagem Juliana, criada de Luísa, apresentada com a aparência debilitada devido às doenças geradas pelo trabalho árduo que desempenhava nas casas de seus amos, conforme Queirós (2015):

Devia ter quarenta anos e era muitíssimo magra. As feições, miúdas, espremidas, tinham a amarelidão de tons baços das doenças de coração. Os olhos grandes, encovados, rolavam numa inquietação, numa curiosidade, raiados de sangue, entre pálpebras sempre debruadas de vermelho. (QUEIRÓS, 2015, p. 27-28)

Eça realçou características da personagem como uma mulher de saúde frágil, que foi acometida por uma doença cardíaca. Juliana já havia trabalhado em muitas casas, sentia inveja das patroas e não tinha afeto por elas, sonhava em ter um negócio para se estabelecer financeira e socialmente, entretanto a doença a fez gastar sua última economia.

A esperança de conseguir melhores condições de vida, ressurgiu quando ela conseguiu um trabalho na casa de Virgínia, tia de Jorge. A senhora estava muito adoentada e Juliana foi orientada a servi-la com capricho e devoção, pois, poderia receber parte da herança como forma de retribuição de seu trabalho. No entanto, toda a herança foi destinada a Jorge, de acordo com Queirós (2015):

A tia Virgínia deixara três contos de réis a Jorge - e ela, ela que durante um ano fora a enfermeira, humilde como um cão e fixa como uma sombra, aturando o mostrengo, tinha em paga ido para o hospital, com uma febre, das noitadas, das canseiras! Julgava-se vagamente roubada. Começou a odiar a casa. (QUEIRÓS, 2015, p. 93)

Para recompensar os anos de dedicação, Jorge levou Juliana para trabalhar em sua casa, a criada que sonhava em ser rica se viu obrigada a aceitar o emprego, já que não tinha para onde ir e nem como se sustentar. Dessa forma, não escondia a sua insatisfação e começou a detestar os novos amos, principalmente, Luísa.

Diante disso, Juliana passou a ter consciência de que continuaria sendo serva para o resto de sua vida. Então, procurou meios de emancipar-se, segundo Dantas (1999) “seu ofício de criada de dentro lhe permite exercer a função de *detetive*, de um fisionomista do interior que segue, através das fantasmagorias domésticas, as pegadas burguesas.”

Desde então, a empregada começou a bisbilhotar minuciosamente a vida dos patrões, revirava gavetas, ouvia atrás das portas, lia as cartas, observava as visitas, buscando descobrir algo moralmente condenável e que fugisse às condutas do padrão burguês, da classe que a oprimia, consoante Queirós (2015):



Desceu discretamente. Juliana voltou logo a encostar-se à porta, a orelha contra a madeira, as mãos atrás das costas: mas a conversação, sem saliência de vozes, tinha um rumor tranquilo e indistinto.[...]. Ficou então tomada de uma curiosidade que a alterava como uma febre. Toda a tarde, na sala de jantar, no quarto, esquadrinhou Luísa com olhares de lado. Mas Luísa, com um roupão de linho mais velho, parecia serena, muito indiferente. Aquela naturalidade despertava a sua bisbilhotice. - Eu hei de apanhar, desavergonhada! - calculava. (QUEIRÓS, 2015, p. 98-99)

Verifica-se, que a personagem tentava buscar com seus próprios meios uma brecha para mudar de vida e desvencilhar-se das condições de subalternidade e opressão em que vivia. Assim, encontrou provas do adultério de Luísa e conseguiu inverter os papéis, em um primeiro momento, ela exigiu uma quantia em dinheiro, porém, a patroa não dispunha do valor, em consequência disso, a protagonista se viu obrigada a executar os serviços domésticos da casa.

Percebe-se que Juliana almejava conquistar um padrão burguês semelhante ao de sua patroa. Dantas (1999) revela, no trecho em sequência, que a criada buscava ascender socialmente.

Eça demonstra, assim, que Juliana aspira a *ser essa outra*, a mudar de lugar, a desfrutar o bem-bom da vida, a transportar-se para o lado do mundo onde se encontram os privilégios. Atraída pela miragem dos valores burgueses, ela aspira à mobilidade social, a ascender a outra classe. (DANTAS, 1999, p. 84).

Sendo assim, a personagem em questão desejava ter, enfim, o seu merecido descanso, gozar de uma vida semelhante à de Luísa repleta de ócio, comida boa, roupas bonitas, “pares de botinas das boas, das *chics*” (QUEIRÓS, 2015), noites de teatros e sobretudo replicar a conduta de suas patroas com suas futuras criadas.

Portanto, pode-se concluir que Juliana desenvolve um comportamento amargurado e revoltoso devido às condições precárias e desumanas a que esteve sujeita desde a infância. Assim, tinha consciência que a minoria representada por ela era oprimida e necessitava lutar por dignidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo se apresentou como uma discussão crítica acerca das representações femininas e de opressão da mulher em *O Primo Basílio*, romance publicado em 1878, pelo



escritor português Eça de Queirós, sendo parte do trabalho de conclusão de curso, defendido no curso de Letras, do Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNIPLAN). Foi analisado o contexto da época ilustrando de que modo as personagens femininas eram retratadas na obra em questão, como vítimas dessa sociedade opressora, expondo a influência social e religiosa no comportamento que era aceitável e restritivo em relação à mulher. Dessa forma, qualquer elemento que fugisse desse modelo era considerado um desvio e uma afronta aos padrões morais.

Na sociedade lisboeta do século XIX, as leis eram bem rígidas no que se refere ao adultério e à desobediência ao homem. Nesse sentido, observa-se, que essa sociedade vivia de aparências, pois libertinagem e infidelidade estavam fortemente presentes. Quando tais fatores eram praticados pelas mulheres, era um problema passível de punição que feria a moral familiar e os preceitos patriarcais, no entanto, se fosse praticado pelo esposo, não era considerado crime, desde que não houvesse escândalos.

A utilização da crítica literária feminista nesse trabalho teve como intuito a compreensão da condição da mulher a partir das representações ficcionais concebidas por Eça de Queirós, no que tange aos papéis sociais que cabiam especificamente ao sexo feminino desempenhar e de que maneira a mulher teve de transitar de encontro ao sistema patriarcal para que houvesse uma ressignificação dos seus direitos e dos espaços sociais.

Desse modo, a crítica literária proporciona uma leitura que tenta compreender de que forma e por quais motivos a mulher foi e ainda é submetida à uma condição de subalternidade advinda do patriarcado, que estabeleceu uma composição social em que os homens possuem o poder. Por conseguinte, as teorias feministas propõem maneiras de superar a opressão que ainda está arraigada na sociedade, buscando construir uma sociedade justa, igualitária e democrática.

Sendo assim, ao longo do tempo, o sexo feminino foi marcado por uma história de exclusão, silenciamento e julgamento devido ao modelo de organização tradicional, com pilares na assimetria dos gêneros e no autoritarismo. Portanto, com a contribuição do feminismo, as mulheres foram impulsionadas a buscar autonomia no âmbito social, a questionar os discursos considerados hegemônicos e a revelar o modo como essa sociedade naturaliza as distinções de gênero.

## **REFERÊNCIAS**



APFELBAUM, et al., 2009, p. 76-80 apud RIBEIRO. Raisia D. **Feminismo: O que as feministas querem**. 1 ed. Rio de Janeiro: Feminismo Literário, 2021. P. 14-15.

DANTAS, Francisco José Costa. **A mulher no Romance de Eça de Queirós**. São Cristóvão, SE: Editora UFS; Fundação Oviêdo Teixeira, 1999.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. Editora Cultrix, 2013.

QUEIRÓS, Eça de. **O Primo Basílio**: episódio doméstico. 1 ed. São Paulo: PenguinClassics Companhia das Letras, 2015.

REIS, Carlos. **Dicionário de estudos narrativos**. Coimbra: Livraria Almedina, 2018.

\_\_\_\_\_. **Eça de Queirós**. 1 ed. Lisboa: Edições 70, 2009.

\_\_\_\_\_. **Estatuto e perspectivas do narrador na ficção de Eça de Queirós**. Coimbra: Livraria Almedina, 1975.

RIBEIRO. Raisia D. **Feminismo: O que as feministas querem**. 1 ed. Rio de Janeiro: Feminismo Literário, 2021.

SABADELL, 2017, p. 231, apud RIBEIRO. Raisia D. **Feminismo: O que as feministas querem**. 1 ed. Rio de Janeiro: Feminismo Literário, 2021. p. 14.